Relatos de um certo Ocidente: O indigenismo como orientalismo à americana

Cristhian Teófilo da Silva
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC)
Universidade de Brasília

Resumo

O artigo tem por objeto iniciar uma discussão acerca do ideário que inspirou (e inspira) o discurso e prática indigenista na América Latina. O ponto de partida para a delimitação deste ideário serão as imagens, representações e discursos sobre o "índio" e sobre os "métodos" para seu governo que se consolidaram com a colonização da América. Nesse sentido, relatos de Cristóvão Colombo e Bartolomé de Las Casas sobre o "descobrimento da América" foram selecionados como discursos de fundação do indigenismo. Suas narrativas servirão como aporte para uma interpretação estrutural do indigenismo latino-americano e suas imagens distorcidas sobre o "índio".

Palavras-chave: Indigenismo, Análise Estrutural, Relações Interétnicas, Colombo, Las Casas

Em busca do cânone indigenista

O historiador Jacques Poloni-Simard resume o nascimento do estatuto do "índio" nos seguintes termos:

> Como Cristóvão Colombo pensara ter alcançado as Índias, ou pelo menos Cipango, diante da mítica Catai de que havia falado Marco Polo – cujo *Livro das maravilhas do mundo* lhe embalara os sonhos de chegar às riquezas do Oriente pela rota marítima direta -, o termo subsistiu, embora se tenha percebido, após as numerosas expedições subsequentes à primeira viagem transatlântica, que as terras descobertas eram "um novo mundo" e que a tão procurada passagem para a Ásia, quando afinal foi encontrada, em 1521, por Magalhães, dava para outro oceano. E quando aquilo que se suspeitava ser um novo continente foi designado, em 1507, pelo nome de "América" no mapa de Martin Waldseemüller, que acompanhava a publicação em Saint-Dié das *Quatuor navigationes* de Américo Vespúcio, a Coroa de Castela continuou utilizando a denominação Índias, agora ocidentais, a fim de distingui-las daquelas situadas no leste. Para além dos debates e controvérsias sobre a humanidade das populações que, até o extremo fim do século XV, haviam permanecido fora de qualquer conhecimento dos europeus, sobre a origem delas diante da concepção cristã da História e sobre seu lugar no plano divino da salvação, os habitantes daquelas terras foram, por sua vez, chamados de "índios". Convém avaliar toda a dimensão dessa denominação, inclusive e, sobretudo, para os nativos. (2004, p. 203-204)

A principal motivação para este trabalho decorre dessa questão óbvia a qualquer um que se depare com temas relacionados aos povos indígenas: por que persistimos no equívoco cometido por Colombo ao designar "índios" os povos nativos da América? É amplamente conhecido o erro de Colombo, que julgou ter chegado às Índias e, assim, nomeou os habitantes do que veio a ser o "Novo Mundo", porém, como explicar essa eficácia ilocucionária do termo como ato performativo[1] mais de quinhentos anos após sua enunciação? Ou, para falar de modo mais simples, com base em quais imagens e idéias, pessoas e grupos continuam a ser definidos como "índios" ou "indígenas" e de onde provém a validade desta identificação?

Estas questões requerem alguns esclarecimentos preliminares. Ao indagar sobre a continuidade do uso do termo "índio" não estou propondo o abandono do termo. Esta é uma decisão que cabe aos "índios" tomar. O foco da discussão é buscar as origens da eficácia sim-

1 Segundo Austin, o termo performativo para caracterizar um ato de fala deriva: "(...) é claro, de 'perfomar', o verbo comum com o substantivo 'ação': ele indica que o pronunciamento de uma fala é a realização de uma ação – e não é normalmente pensado como simplesmente falar algo sobre" (1975, p. 06-07, tradução própria). O uso entre aspas do termo "índio" aparecerá neste trabalho precisamente para assinalar a ação performativa implícita nos variados usos do termo. Quer isto dizer que quando se fala sobre os "índios" não se está apenas dizendo algo, mas fazendo algo a seu respeito.

bólica do termo até os dias de hoje e, nesse sentido, este texto talvez possa ser de alguma utilidade para os assim chamados "índios" lidarem com o problema de como são pensados/imaginados pelos (seus) outros.

Dito de outro modo, tais questões apontam para uma terminologia mais ampla e historicamente constituída, que assegura a perenidade do termo "índio" como categoria de identificação (e julgamento) das populações pré-colombianas e seus descendentes na atualidade. De fato, na esteira desse termo existem outros como "canibal" (mais um erro de Colombo), "selvagem", "silvícola", que constituem um verdadeiro léxico de "preconceitos coloniais" a respeito dos "índios". A existência desse repertório em si não causaria surpresa caso um conjunto de idéias, ideais e práticas a ele associado não o tornasse uma espécie de campo semântico ativo e atual na política interétnica na América Latina.

A partir dessa constatação, esta proposta busca relacionar o uso destas palavras a unidades significativas mais amplas, a exemplo dos mitemas, definidos por Lévi-Strauss (1996) como as unidades constitutivas dos mitos. Ou seja, trata-se de pensar os usos de uma determinada categoria histórica, "índio", a partir de suas conotações míticas representadas nos relatos do "Descobrimento" ou "Conquista da América", em particular nos relatos de Cristóvão Colombo e do Frei Bartolomé de Las Casas.

Seus relatos seguem sendo lidos, tanto acadêmica quanto popularmente, no presente. Uma série de traduções e tiragens de "bolso" confirma essa impressão. O enquadramento interpretativo que será empregado buscará identificar quais "feixes de relações" (Lévi-Strauss, 1996, p. 244) estão associados ao significante "índio" e que fundamentam os seus usos performativos desde então até o presente. Estes relatos, lidos e relidos através de mais de cinco séculos, nos permitem atestar a mitificação dos mesmos, tal como foi percebido por Laís Mourão, que os considerou: "[...] como alguns dos 'livros sagrados' da tradição americana, pois são parte do nosso legado ancestral, apesar de que representam apenas uma das vertentes de nossa ancestralidade" (1985, p. 207-208)

Colocada nestes termos, essa proposta pode ser disposta ao lado dos estudos de "cosmologias do contato" (Albert & Ramos, 2000), na medida em que enfatiza o contato interétnico advindo do "Descobrimento" como cosmologia colonialista, estimulando uma necessária inversão da fórmula de Sahlins, para quem somente os incidentes míticos constituiriam situações arquetípicas de interpretação de metáforas históricas (1985 [1981], p. 14). Como espero deixar claro, incidentes históricos também ensejam situações arquetípicas de interpretação e reprodução de metáforas míticas. Tudo depende de quem está falando sobre quem e com qual política teórica em mente.[2]

Uma vez esclarecido este ponto, decorre outro, a saber, a exegese de noções do tipo "selvageria" e "barbárie", "paraíso" e "pureza", "canibalismo" e "nobreza", já conta com um alfabeto de autores a elas dedicado.[3] Desde trabalhos que enfatizam o poder estruturante do imaginário nos processos de conquista do "Novo Mundo" até os processos de revolução social e ideológica no "Velho Mundo", autores de diferentes orientações teóricas e disciplinares vêm tornando cada vez mais difíceis novas tentativas de abordagem ao tema. Entretanto, o ponto de vista pretendido neste trabalho, não visa retomar a discussão no lugar onde outros pararam. O que se espera promover pode ser apreendido como uma análise estrutural – ainda bastante incipiente – de versões parciais da vasta mitologia ocidental construída a respeito dos habitantes não europeus no contexto de "descoberta da América".

Adota-se, portanto, o sentido bastante operacional de "mito" proposto por Lévi-Strauss quando afirma: "Nós propomos, ao contrário, definir cada mito pelo conjunto de todas as suas versões. Dito de outro modo, o mito permanece mito enquanto é percebido como tal" (1996, p. 250). Outra inspiração para o presente trabalho é a percepção de Gananath Obeyesekere a respeito da noção recorrente de que os "primitivos" concebem os europeus como deuses em seus primeiros contatos. Obeyesekere questiona até que ponto os nativos conceberam, de fato, deuses europeus. Segundo sua opinião: "Esse 'deus europeu' é um mito da conquista, imperialismo e civilização – uma tríade que não pode ser facilmente separada" (1992, p. 3, tradução própria). Nesse sentido, todo um trabalho de arqueologia dessa mitologia como campo semântico e de etnografia de suas aplicações práticas em uma perspectiva trans-histórica está

2 Para um debate sobre como o ponto de vista do antropólogo sobre seus nativos influencia o resultado de suas interpretações v. Teófilo da Silva, 2002.

3 Para um roteiro inicial a partir do Brasil, v. Afonso Arinos de Melo Franco [1937]; Sérgio Buarque de Holanda, 2000 [1959]; e Klaas Woortmann, 1997. Para além do Brasil, ver: Anthony Padgen, 1988 e 1993; Frank Lestringant, 1997; Roger Bartra, 1994 e 1997; Hayden White, 2001; e Leopoldo Zea, 2005, dentre inúmeros outros.

por ser feito.

Para prosseguir nesta abordagem tomo como referência a exemplaridade da obra de Edward Said, *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente ou Concepções Ocidentais do Oriente*, publicada em 1978, no que tange ao tratamento analítico do campo discursivo e imagético produzido a partir do Ocidente sobre o Oriente. Desde o "Orientalismo", abordagens "arqueológicas" ou "desconstrutivistas" nas Ciências Humanas ganharam forte impulso nos quatro cantos do mundo. Quando estas abordagens foram incorporadas por tendências teóricas assumidamente "pós-coloniais", "pós-modernas", "pós-estruturalistas" e assim por diante, o gigantesco edifício das representações europeias sobre o mundo não europeu, seja ele antigo ou contemporâneo, começou a ser escavado e demolido, tijolo a tijolo, por assim dizer.

A suposição original de Said, que motiva todo esse empreendimento é que:

> [...] o Oriente não é um fato inerte da natureza. Ele não está meramente *ali*, assim como o próprio Ocidente tampouco está apenas *ali*. Devemos levar a sério a grande observação de Vico de que os homens fazem a sua história, de que só podem conhecer o que eles mesmos fizeram, e estendê-la à geografia: como entidades geográficas e culturais – para não falar de entidades históricas -, tais lugares, regiões, setores geográficos como o "Oriente" e o "Ocidente", são criados pelo homem. Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma idéia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma a outra (Said, 2007 [1978], p. 31).

Percebe-se que o problema do "Orientalismo" consiste em tomar o imaginário, as tradições de pensamento e o vocabulário daí decorrentes não como produtos acabados da história, mas como processos em curso de fabricação histórica.

Entre os antropólogos, Michel-Rolph Trouillot foi responsável por uma tradução competente desta problemática do orientalismo para o horizonte antropológico ao tocar a consciência da disciplina com relação aos seus "nativos" não brancos situados tanto no Oriente quanto no Ocidente. Em seu artigo publicado em 1991, a partir do diálogo com interlocutores situados nos EUA, país central para a reprodução contemporânea de certos regimes de representação geopolítica da alteridade, Trouillot sentencia que a "Antropologia se depara com uma onda de desafios sem precedentes que demandam uma arqueologia da disciplina e um exame cuidadoso de suas premissas implícitas" (1991, p. 17, tradução própria). Este exame, por sua vez, não deveria ser buscado nos tropos internos do discurso acadêmico, mas no campo discursivo mais amplo que governa sua coerência e legitimação. Para Trouillot, a Antropologia herdou deste campo de significação um modelo exotizante de representação da realidade. O futuro da Antropologia dependeria, em suas palavras, da capacidade dos antropólogos de contestar este mesmo campo e seus consequentes esquemas de distribuição de poder sobre os "outros" nele pensados, em especial as populações indígenas das Américas.

Não cabe repassar os argumentos de Said e Trouillot em toda a sua extensão e profundidade, tampouco dar prosseguimento aos seus projetos de arqueologia desconstrutiva do Orientalismo e da Antropologia ocidentais. O que interessa ressaltar, nesta ocasião, é o fato de que a Antropologia não teria sido a única herdeira do campo semântico mais amplo representado pelo Orientalismo. Como é sabido, o "indigenismo" também reivindica seu lugar no movimento orientalista, voltado que está, na qualidade de discurso, para a invenção dos "índios" como outros significativos não somente das experiências colonialistas e imperialistas europeias, mas das experiências latino-americanas de construção nacional e formação de Estados.

Esta abordagem ao indigenismo como uma variação orientalista encontra sustentação em pelo menos três de seus intérpretes, notadamente Antonio Carlos de Souza Lima (1995), Henri Favre (1999 [1996]) e Alcida Ramos (1998).

Em primeiro lugar, Souza Lima apresentará sua definição provisória e operativa de "indigenismo" criticando os abusos trans-históricos de utilização do termo em frases como: "*política indigenista* portuguesa no Brasil colonial"; "*indigenismo* do Marquês de Pombal"; "legislação *indigenista* imperial", etc. (1995, p. 13). Com essas ressalvas em mente, considera "indigenismo":

> [...] o conjunto de ideias (e ideais, i.e., aquelas elevadas à qualidade de metas a serem atingidas em termos práticos) relativas à inserção de povos indígenas em sociedades subsumidas a Estados nacionais, com ênfase especial na formulação de *métodos* para o tratamento das populações nativas,

> operados, em especial, segundo uma definição do que seja *índio* (1995, 14-15, itálicos no original).

É precisamente esta definição de indigenismo como conjunto de ideias e ideais que será somada à presente proposta de examinar os mitemas ensejados com o termo "índio" no interior do "mito do Descobrimento". Ainda que os usos do "indigenismo" como adjetivo se mostrem inclinados a anacronismos, a definição de indigenismo como "conjunto de ideias e ideais" se mostra substantiva para uma interpretação do "mito do Descobrimento" como um mito indigenista de fundo Orientalista.

Desse modo, penso, em segundo lugar, que Henri Favre seria particularmente simpático a esta proposta se considerarmos que para ele: "A *descrição idealizada* que fez Cristóvão Colombo da população que acabava de encontrar do outro lado do Atlântico converte o descobridor da América no primeiro indigenista" (1999 [1996], p. 07, tradução e grifo próprios). A identificação de Colombo como indigenista acentua o fato de que a projeção do descobridor da América para a história resulta precisamente do seu intenso trabalho de "descrição idealizada" do "Novo Mundo", suas coisas, terras e criaturas, com o objetivo de formular métodos para o tratamento das populações nativas segundo uma definição do que seriam as "Índias" e os "índios".

Inúmeros antecessores indigenistas poderiam ser identificados segundo os mesmos critérios. Entretanto, para não reproduzir de maneira estereotipada uma longa lista de "heróis conquistadores" na qualidade de "pais fundadores" do indigenismo, e com o intuito de contribuir para uma leitura mais multifacetada do "cânone indigenista", com mais de quinhentos anos de fabricação, julgo necessário buscar outros perfis indigenistas na história.

O nome do Frei Bartolomé de Las Casas certamente virá à mente daqueles mais dedicados a refletir sobre o indigenismo ou sobre o passado colonial latino-americano, principalmente, por ele representar o mais proeminente crítico do genocídio colonialista representado por Colombo, Cortez e Pizarro, entre outros. Nestes termos, Las Casas deveria ser considerado o primeiro anti-indigenista da história e consequentemente não teria lugar neste trabalho. Porém, não é por sua atuação em defesa dos "índios" contra os conquistadores europeus que analisaremos sua contribuição para o cânone indigenista, pelo contrário, será por sua reflexão sobre a categoria "índio", a mesma empregada por seus antagonistas, que iremos contrastá-lo com Colombo e identificá-lo também como fundador do indigenismo. Afinal, a história ensinou que não foi por diferenças de opinião, por melhor embasadas que estivessem, que foram desconstruídas as fundações geno e etnocidas do edifício indigenista.

Na verdade, o impulso narrativo e criativo do discurso sobre o "índio" é a força motora da definição de Favre do "indigenismo" (1999 [1996], p. 08), o qual seria um movimento ideológico de amplas proporções literárias e artísticas políticas e sociais, que toma o "índio" como massa de modelar do protagonismo conquistador/colonizador europeu e latino-americano. Aparentemente, este movimento segue vigoroso até o presente, sempre protagonizado por uma multiplicidade de atores. Como bem assinalou Ramos, o indigenismo tem sido uma encruzilhada de muitos agentes (1998).

Apoiada em Souza Lima e Favre, Ramos nos oferece, a partir do Brasil, uma síntese do indigenismo como "orientalismo à americana":

> Indigenismo é um fenômeno político no sentido mais amplo do termo. Ele não é limitado pela elaboração de políticas estatais ou por interesses privados ou pela implantação prática de políticas indigenistas [...]. O que a mídia escreve e divulga, romancistas criam, missionários revelam, ativistas de direitos humanos defendem, antropólogos analisam, e índios negam ou corroboram sobre o índio contribui para um edifício ideológico que toma a "questão indígena" como argamassa. Escondendo-se por detrás destas imagens do índio, resultante da combinação caleidoscópica de perspectivas, é sempre a semelhança – ou, mais apropriadamente, dessemelhança – do brasileiro. O índio como espelho, quase sempre invertido, é [...] uma metáfora recorrente do campo interétnico. Em outras palavras, o Indigenismo está para o Brasil como o Orientalismo está para o Ocidente. O paralelo entre Indigenismo e Orientalismo é fácil de notar: assim como "o Oriente é Orientalizado", também o índio é indianizado. "Para o Ocidental [...] o Oriental sempre foi um aspecto do Ocidente" (Said 1979, 67), assim como para um brasileiro o índio sempre representou algum aspecto do Brasil (Ramos, 1998, p. 06, tradução própria).

Nesses termos, não será pela complexificação dos sujeitos históricos (em particular Colombo e Las Casas) e suas ações que empreenderemos este estudo do discurso

indigenista, senão pelo enquadramento mesmo do "indigenismo" como discurso. Sendo assim, uma vez estabelecidos os parâmetros teóricos e metodológicos deste exercício de análise estrutural, vejamos de que modo se pode delinear o conjunto de ideias e ideais que surge dos relatos de Colombo e Las Casas enquanto discursos acabados e amplamente difundidos e popularizados acerca da "descoberta da América". É certo que outros relatos poderiam ser aqui apresentados e interpretados, porém, creio que este exercício não precisa ser extenso e completo para se mostrar válido e propositivo de um longo trabalho de escavação e demolição dos pilares etnocêntricos do indigenismo como Orientalismo à americana.

A descoberta dos "índios" da América: Colombo e suas viagens aos confins do Oriente

A preocupação com o enquadramento interpretativo acima se deve, certamente, a uma economia de informações. Tudo o que já foi dito e feito a propósito de Colombo e o chamado "Descobrimento" constitui um acervo monumental, impossível de ser resumido para fins analíticos. Sendo assim, os dados que impulsionam o exercício aqui proposto não são outros além dos diários das viagens feitas por Colombo de 1492 a 1504. Como mencionado anteriormente, a proposta não consiste em tomar esses relatos como subsídios para uma história da Conquista, da colonização e de seu imaginário, mas antes como fragmentos de uma mitologia Ocidental sobre a "descoberta da América" que empresta até hoje sentidos muito eficazes para a caracterização das populações nativas do continente e seus descendentes e, principalmente, para a proposição de métodos para seu governo.

A idéia, inspirada na análise estrutural dos mitos proposta por Lévi-Strauss (1996), é elucidar quais *feixes de relações* significativas o termo "índio" comporta nos relatos de Colombo, para, em seguida, aplicar a mesma técnica aos textos de Las Casas. O resultado que se espera fazer emergir é a estrutura inconsciente em torno da definição de "índio", que se mostra vigente nos usos indigenistas do termo até o presente. Afinal, como sustenta Lévi-Strauss:

> Um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados: "antes da criação do mundo", ou "durante os primeiros tempos", em todo caso, "faz muito tempo". Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro. Uma comparação ajudará a precisar esta ambiguidade fundamental. Nada se assemelha mais ao pensamento mítico que a ideologia política (1996, p. 241).

Desnecessário dizer que os resultados aqui apresentados constituem antes uma hipótese para investigações mais aprofundadas do que uma certeza acerca de como pensamos (mesmo sem querer) sobre os "índios" no interior da ideologia indigenista, de fundo Orientalista, como já foi assinalado.

Uma versão dos diários e documentos de Colombo organiza seus relatos em quatro viagens (1492-93; 1493-96; 1498-1500; e 1502-04). A edição traduzida e utilizada aqui acrescenta o testamento de Colombo após a carta que relata a quarta viagem. A principal referência aos "índios" no testamento sugere aos colonizadores que se empenhem "pela conversão à nossa santa fé de todos os povos das Índias" (Colombo, 1998, p. 183). Desse modo, considerarei apenas os quatro documentos relativos às viagens como partes de uma mesma versão do "mito do Descobrimento". Como todos sabem, a história do "descobrimento" da América tende a ser ensinada, narrada e difundida como um ato heróico de Colombo apoiado política e financeiramente pelos reis Católicos da Espanha. Os relatos de Colombo são documentos sempre dirigidos aos reis e, nesse sentido, buscam retoricamente preservar a admiração,[4] confiança e apoio político deles obtido para empreender as viagens e assegurar a autoridade de Colombo à frente de todos os empreendimentos de "exploração" e "conquista", nos vários sentidos dos termos.

É sintomático que a primeira referência de Colombo no diário de sua primeira travessia pelo Atlântico seja a respeito da guerra contra os mouros. Como assinalou Trouillot, "do ponto de vista dos contemporâneos, o evento mais importante do ano de 1492 não foi a chegada de Colombo nas Antilhas, mas a conquista do reino muçulmano de Granada e sua incorporação ao reino de Castela [...]" (1991, p. 30, tradução própria). Também é sintomático que a segunda referência diga respeito às "terras da Índia e um príncipe, chamado 'Grande Cã'" (Colombo, 1998, p. 29). Estabelecia-se, desse modo, um paralelismo entre dois grandes feitos que Colombo atribui aos reis da Espanha. Também se estabelece uma proporção para avaliar a grandiosidade da viagem de "descobrimento" de uma rota para as Índias. Portanto, o primeiro relato se constitui a partir de registros acerca do percurso traçado, distâncias percorridas e incidentes

significativos do ponto de vista de quem anseia avistar terra firme em uma região absolutamente desconhecida dos navegadores.

Trata-se de uma narrativa marcada por expressões do tipo: "os tripulantes da caravela *Niña* disseram que tinham visto uma gralha e um rabo-de-palha; e essas aves nunca se afastam mais de vinte e cinco léguas da terra firme"; "começaram a ver muitos molhos (manchas?) de algas bem verdes que havia pouco, conforme lhe pareceu, se tinham despregado da terra, e por isso todos julgavam estar perto de alguma ilha; mas não da terra firme"; "Apareceu do lado norte uma espessa cerração, o que indica vizinhança de terra"; e assim por diante. Os navegadores dedicavam-se, basicamente, ao cálculo de sua distância da terra firme e de especulações sobre a proximidade de ilhas e possibilidade de retorno a partir de qualquer evidência disponível: surgimento de mamíferos marinhos, peixes, plantas, pássaros, o sentido dos ventos, a calmaria do mar, o clima, estrelas cadentes, etc., o que levou Colombo a mentir sistematicamente para a sua tripulação sobre a distância real que percorriam a cada dia e a cada noite.

Ocorreram, evidentemente, tentativas de sabotar a viagem em meio à travessia e podemos dizer que, se no deserto as miragens são de poças d'água em lugares inalcançáveis, no oceano as miragens são de porções de terra no horizonte. E, além da ansiedade de localizar terra, surge também a competição por quem irá vê-la primeiro, pois a estes atos estavam prometidas recompensas e honrarias.

Como se pode notar, até este momento do relato, a categoria "terra" domina o discurso de Colombo. Entretanto, em 11 de outubro de 1492, essa categoria foi substituída pelo termo "índio". O discurso de Colombo naquela quinta-feira foi um discurso de deslumbramento, porém, enquanto ato performativo, também foi um discurso de "posse". De tal forma que foi quase simultânea a possessão das terras "Índias" e a possessão dos corpos "índios". A passagem de metonímica de umas a outros transcorre assim:

> Às duas horas da madrugada surgiu terra, da qual estariam a apenas duas léguas de distância. Arriaram todas as velas e ficaram só com a da popa, que é a grande sem suplementares, e puseram-se à capa, contemporizando até a sexta-feira, quando chegaram a uma ilhota dos Lucaios, que em língua de índios se chamava Guanahani. Logo apareceu gente nua, e o Almirante saiu rumo à terra no barco armado, com Martín Alonso Pinzón e Vicente Anés [...], seu irmão, e comandante da Niña. O comandante empunhou a bandeira real e os comandantes as duas bandeiras da Cruz Verde, que o Almirante levava como emblema em todos os navios, com um F e um Y: por cima de cada letra, a respectiva coroa, a primeira feita de um cabo da cruz e a segunda do outro. Ao desembarcar viram árvores muito verdes, muitas águas e frutas de várias espécies. O Almirante chamou os dois comandantes e demais acompanhantes, e Rodrigo de Escovedo, escrivão de toda a armada, e Rodrigo Sánchez de Segovia, e pediu que lhe dessem por fé e testemunho como ele, diante de todos, tomava, como de fato tomou, posse da dita ilha em nome de El-Rei e da Rainha, seus soberanos, fazendo os protestos que se requeriam, como mais extensamente se descreve nos testemunhos que ali se procederam por escrito. Logo viram-se cercados por vários habitantes da ilha (Colombo, 1998, p. 46).

A partir deste momento, o reconhecimento dos "habitantes das ilhas" como "índios" será uma alusão constante nos relatos, mas o que as descrições idealizadas que Colombo dos "índios" e suas ilhas nos dizem sobre o modo como serão considerados e tratados? Estas descrições são como primeiras impressões e, como é sabido, as primeiras impressões são as que ficam.

Para analisar essas impressões parti indutivamente da classificação das descrições idealizadas dos "índios" no discurso de Colombo. Esta classificação resultou do agrupamento em três conjuntos das enunciações feitas por Colombo sempre que os "índios" eram mencionados. O primeiro conjunto (ou coluna) foi designado de "Aparência Física e Temperamento dos Índios". O segundo, de "Mercadorias Indígenas" e o terceiro, de "Comportamento Político dos Índios". Dois outros conjuntos poderiam ser acrescentados, como aquele que diz respeito às descrições da "Paisagem e Recursos Naturais", e outro que se refere às "Alusões Fantasiosas" como quando Colombo diz ter visto sereias com cara de homem ou a associação dos canibais a homens de um olho só e com cara de cachorro. Porém, por questões de limite da presente proposta, não será possível lidar com estas dimensões, certamente importantes, do "mito do Descobrimento", tampouco inserir na coluna referente ao "Comportamento Político dos Índios" as atitudes dos espanhóis (tema central dos relatos de Las Casas) e os feixes de relações correspondentes.

De fato, quando descreve as terras avistadas, Colombo não as associa aos "índios" diretamente. É como se as descrições idealizadas das "ilhas" como "paraíso terrestre" não passassem de delírios narrativos de Colombo, que estava mais ocupado com a descoberta de minas de ouro. Em nenhum momento desses relatos de Colombo se observa uma associação da paisagem edênica com seus habitantes. Aparentemente, a representação dos "índios" como povos adâmicos seria um efeito perlocucionário do mito, que não tratarei aqui. De outra parte, o comportamento dos espanhóis descritos por Colombo é bastante elucidativo de como suas representações prévias acerca dos "índios" também foram se confirmando na interação com estes. Dito de outro modo, os "índios" precisaram ser pensados antes de serem tornados "úteis" à Conquista, e este pensamento se deu por intermédio de categorias prévias que "enquadraram" os "índios" como seres sub-humanos, predispostos à servidão e à aniquilação.

Esclarecidos estes pontos, ressalto que foi no interior dos três primeiros conjuntos que distribuí os mitemas enfeixados a partir da categoria "índios" em diferentes passagens dos diários da "Descoberta da América", principalmente por enxergar aí a moldura mítica mais evidente para a compreensão das relações interétnicas que se estabeleceram desde então e ainda hoje no âmbito do indigenismo.

Comecemos pela primeira descrição idealizada de Colombo sobre os "índios":

> O que se segue são palavras textuais do Almirante, em seu livro sobre a primeira viagem e descobrimento dessas índias [sic!]: "Eu – diz ele -, porque nos demonstraram grande amizade, pois percebi que eram pessoas que melhor se entregariam e converteriam à nossa fé pelo amor e não pela força, dei a algumas delas uns gorros coloridos e umas miçangas que puseram no pescoço, além de outras coisas de pouco valor, o que lhes causou grande prazer e ficaram tão nossos amigos que era uma maravilha. Depois vieram nadando até os barcos dos navios onde estávamos, trazendo papagaios e fio de algodão em novelos e lanças e muitas outras coisas, que trocamos por coisas que tínhamos conosco, como miçangas e guizos. Enfim, tudo aceitavam e davam do que tinham com a maior boa vontade. Mas me pareceu que era gente que não possuía praticamente nada. Andavam nus como a mãe lhes deu à luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta rapariga. E todos os que vi eram jovens, nenhum com mais de trinta anos de idade; muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; os cabelos grossos, quase como o pelo do rabo de cavalos, e curtos, caem por cima das sobrancelhas, menos uns fios na nuca que mantêm longos, sem nunca cortar. Eles se pintam de preto, e são da cor dos canários, nem negros nem brancos, e se pintam de branco, e de encarnado, e do que bem entendem, e pintam a cara, o corpo todo, e alguns somente os olhos ou o nariz. Não andam com armas, que nem conhecem, pois lhes mostrei espadas, que pegaram pelo fio e se cortaram por ignorância. Não têm nenhum ferro[6]: as suas lanças são varas sem ferro, sendo que algumas têm no cabo um dente de peixe e outras uma variedade de coisas. Todos, sem exceção, são de boa estatura, e fazem gesto bonito, elegantes. Vi alguns com marcas de ferida no corpo e, por gestos, perguntei o que era aquilo e eles, da mesma maneira, demonstraram que ali aparecia gente de outras ilhas das imediações com a intenção de capturá-los e então se defendiam. E eu achei e acho que aqui vêm procedentes da terra firme para levá-los para o cativeiro. Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar. Não vi nesta ilha nenhum animal de espécie alguma, a não ser papagaios"(Colombo, 1998, p. 47).

Sem avançar na crítica ao relato ou interpretar até que ponto vários aspectos dele se converteram em profecias autorrealizáveis, vejamos o seguinte quadro:

Quadro 1. Mitemas indigenistas do "mito do Descobrimento" (versão Colombo)

Aparência Física e Temperamento dos Índios	Mercadorias Indígenas	Comportamento Político dos Índios
- andavam nus	- era gente que não possuía praticamente nada	- demonstraram grande amizade
- eram jovens	- não têm nenhum ferro	- se entregariam e converteriam à nossa fé
- bem-feitos	- as suas lanças são varas sem ferro	- trouxeram papagaios, fios de algodão e lanças que trocamos
- bonitos e cara muito boa		- aceitavam e davam
- cabelos grossos, quase como o pelo do rabo de cavalos, e curtos		- não andam com armas
- eles se pintam, a cara e o corpo todo de branco, encarnado e preto		- se cortaram por ignorância
- são da cor dos canários		- gente de outras ilhas aparecem para capturá-los e levá-los para o cativeiro
- são de boa estatura e fazem gesto bonito, elegantes		- não tinham nenhuma religião
- devem ser bons serviçais e habilidosos		- serão levados seis deles para a Espanha para que aprendam a falar
- possuem marcas de ferida no corpo		

As três colunas verticais acima agrupam características relativas ao mesmo feixe de relações ou associações simbólicas. Conforme explicação de Lévi-Strauss desta técnica de análise estrutural,

> Se tivéssemos de *narrar* o mito, não levaríamos em conta esta disposição em colunas, e leríamos as linhas da esquerda para a direita e de cima para baixo. Mas, desde que se trata de *compreender* o mito, uma metade da ordem diacrônica (de cima para baixo) perde seu valor funcional, e a "leitura" se faz da esquerda para a direita, uma coluna após a outra, tratando-se cada coluna como um todo.

Todas as relações agrupadas na mesma coluna apresentam, por hipótese, um traço comum que se trata de evidenciar (1996, p. 247).

Desse modo, o traço comum que se pode depreender de cada coluna seriam os seguintes:

Coluna 1. Aparência Física e Temperamento dos Índios: as características concernem a concepções estéticas de aparência e gestualidade, cujas analogias são buscadas no reino animal. Os dois últimos mitemas sinalizam metaforicamente que os "índios" são subordináveis e vulneráveis fisicamente, outra possível correspondência ao mundo dos animais, desta vez, domésticos.

Coluna 2. Mercadorias Indígenas: os mitemas dessa segunda coluna são escassos no primeiro relato, mas se tornarão mais evidentes em outros momentos do mito. Por ora, o traço comum define-se pela "ausência" de ferro e, metonimicamente, de outros metais.

Coluna 3. Comportamento Político dos Índios: o conjunto de mitemas dessa terceira coluna pode ser sintetizado na ênfase na docilidade e predisposição dos "índios" para o cativeiro e a servidão.

Se pensarmos nas relações que cada coluna estabeleceria com as demais na estruturação narrativa do relato, será possível depreender que, nessa caracterização dos "índios", o tema central do mito não é saber quem são os "índios" ou de onde poderiam ter vindo, mas como são e serão os "índios" diante do projeto colonialista de ob-

tenção de riquezas. Sua associação, primeiro a animais e por último a serviçais, dá a exata medida das posições simbólicas que irão ocupar os "índios" no imaginário da Conquista. Nesse primeiro momento, os "índios" não têm nada a oferecer que interesse aos europeus, além de seus próprios corpos, "belos", "elegantes" e "nus".

Outros mitemas surgem a partir das passagens do restante do relato dessa primeira viagem e dos relatos seguintes. Uma vez explicado o procedimento, não reproduzirei outros trechos narrados por Colombo a partir de suas viagens.

Isso significa dizer que se considera o mito desde uma perspectiva anistórica, para a qual pouco importa a ordem dos eventos e a causalidade dos episódios narrados. Dito de outro modo, não se busca aqui, saber por que Colombo representa os "índios" desta maneira. O objetivo é compreender o caráter sistêmico dessas representações como campo de significação. Segue, portanto, um desdobramento da lista de mitemas segundo a classificação proposta. A lista não visa ser exaustiva nem redundante, mas apenas sugestiva de como se desdobram os mitemas ao longo do mito.

Quadro 2. Mitemas indigenistas do "mito do Descobrimento" (continuação da versão Colombo)

Aparência Física e Temperamento dos Índios	Mercadorias Indígenas	Comportamento Político dos Índios
- e entre eles não há nenhum negro	- vieram até a nau em pirogas, feitas do tronco de uma árvore	- querem trocar por qualquer coisa com a gente
- têm pernas bem torneadas, e nenhum tem barriga	- remavam com uma pá semelhante às de forno	- pegam o que podem e se põem logo a nadar
- correm que dá gosto	- levam cabaças junto com eles	- trocaram dezesseis novelos de algodão por três ceotis portugueses
- as mulheres trazem na frente do corpo um pedacinho de tecido de algodão que mal lhes cobre as partes pudendas	- traziam novelos de algodão desfiado, papagaios, lanças e outras ninharias	- à noite voltam para a terra em suas canoas
- os habitantes são tão sossegados e com tanta vontade de ganhar nossas coisas	- traziam pedacinhos de ouro pendurado num furo que têm no nariz	- traziam água, coisas de comer e perguntavam se tínhamos vindo do céu
- são francos	- tinha um rei que tinha grandes taças disse e em vasta quantidade	- cinquenta homens bastam para subjugar todos e mandá-los fazer tudo o que quiser
- esses índios são dóceis e bons para receber ordens e fazê-los trabalhar, semear e tudo o mais que for preciso, e para construir povoados e aprender a andar vestidos e a seguir nossos costumes	- gente muito simples em matéria de armas	- alguns fugiram de medo
- não professam religião e se converteriam em cristãos, pois têm muito boa compreensão	- havia redes de fibra de palmeira e cordões, e anzol de chifre, arpões de osso e outros apetrechos de pesca	- marinheiros foram recebidos da maneira mais solene, queriam tocar neles e lhes beijavam as mãos e os pés, maravilhando-se e acreditando que vinham do céu

- os caciques andam todos com seus penachos	- encontraram várias estátuas em forma de mulheres e várias cabeças, muito bem esculpidas, em moldes e carrancas e havia cachorros	- em alguns povoados, os índios tentam rechaçar os estrangeiros
- os índios se mostram a cada dia muito simples e sem malícia	- um cacique possuía uma máscara de ouro	- fazem sinal de fumaça, como gente em guerra
- os canibais são ferozes, bem proporcionados e de bom entendimento e por essa razão podem ser tornados úteis	- bem aparelhados em matéria de armas, arcos, flechas e escudos de madeira	- esse rei ou cacique prestou muitas homenagens à tripulação dos navios e deu a cada um uns tecidos de algodão que as mulheres usam à guisa de roupa e, para o Almirante, papagaios e pedaços de ouro
- jovens, de boa disposição e não negros	- vários usavam peças de ouro no pescoço, enquanto outros traziam pérolas amarradas nos braços	- trocam ouro por guizos
- gestos harmoniosos, corpos bonitos e cabelo comprido e liso, cortado à maneira de Castela, com a cabeça amarrada por um pano de algodão com bordados e cores	- as suas canoas são grandes e mais bem-feitas do que as outras	- correram com arcos e flechas e cordas para amarrar os cristãos
- esses habitantes são em grande número e todos parecem de boa índole, da mesma cor dos anteriores e muito afáveis	- a população anda nua e usa no pescoço um espelho de ouro	- embora os cristãos fossem apenas sete e eles cinquenta e tantos, saíram fugindo até não restar mais nenhum, deixando as flechas e os arcos caídos
- a cor desta gente é mais branca que qualquer outra que eu tenha visto nas Índias	- todos trazendo o ouro extraído em quatro horas que passaram lá na mina	- essa gente pouco se comunica entre uma ilha e outra e as línguas são diferentes
- eles são muito simples		- vendo-nos cantar e dançar, largaram os remos, pegaram os arcos e, protegendo-se cada um com o seu escudo, começaram a nos atirar flechas
		- nos receberam com todas as honras, vieram duas pessoas importantes, acompanhadas do povoado, e nos conduziram a uma casa enorme, onde havia cadeiras e nos fizeram sentar e trouxeram pão, frutas e vinho, branco e tinto
		- alguns não querem fazer permuta
		- depois que viu tudo pronto, o tráfico tão intenso, resolveu botar fogo e matar todos nós, ficou preso e depois fugiu

Ao retornar à busca por traços comuns, agora que os mitemas se tornaram mais abundantes, outras conexões significativas podem ser depreendidas:

Coluna 1. Aparência Física e Temperamento dos Índios: desta vez, uma primeira distinção é estabelecida entre "índios" e "canibais". Quer isto dizer que existem populações mais "dóceis" e "simples" e outras mais "ferozes". Entretanto, ambos são "belos, bem proporcionados e subordináveis". Na verdade, a primeira coluna ou feixe de relações organiza um gradiente comparativo de humanidade que, como sabemos, assume a superioridade cultural e moral dos europeus e a inferioridade dos canibais. Distancia-se, assim, de analogias com o reino animal em prol de analogias mais próximas ao que se considera "cultural" e fenotipicamente europeu: "cabelo cortado à maneira de Castela", "não negros", "a cor desta gente é mais branca" e assim por diante. Pelo exposto, é possível argumentar que o primeiro feixe de relações em torno da categoria "índio", que versa sobre sua aparência física e temperamento, é uma interrogação acerca da transição da animalidade-natural para a civilidade-cultural do homem. Os "índios" são assim representados como transitando entre o polo antropofágico e o polo cristão. A depender do projeto colonialista em mente, os "índios" seriam pensados ora a partir do polo negativo, ora a partir do polo positivo do sistema classificatório.

Coluna 2. Mercadorias Indígenas: como vimos, os mitemas desta segunda coluna são escassos no primeiro relato, mas se tornam mais evidentes do decorrer das viagens, com uma ênfase cada vez maior na "presença" de ouro. Canoas, armas e peças de ouro são apresentadas sempre com a intenção de indicar quão acessível está o ouro para os colonizadores. Esta acessibilidade é pensada seja na forma de permutas, exploração de minas ou eventuais guerras a serem feitas contra os "índios" para obter o ouro. A questão central referente a este feixe de relações é saber de que maneira os "índios" poderão ser colocados a serviço da aquisição de ouro uma vez que suas "mercadorias" próprias não suscitam interesse para os colonizadores, a não ser como exotismo. Dito de outro modo, na ausência de objetos ou artefatos valorizados, o ouro converte-se em artigo primordial das relações interétnicas e, no limite, os próprios "índios" serão capturados por esta lógica e tornados "mercadorias".[4]

Coluna 3. Comportamento Político dos Índios: o feixe de relações configurado nesta coluna, sintetizado anteriormente, pela ênfase na docilidade e predisposição dos "índios" para o cativeiro e a servidão, aponta para um traço comum mais elementar, qual seja o potencial de aliança para os colonizadores. Nota-se que os habitantes das "ilhas" não possuem um comportamento homogêneo, apesar de parecerem todos "iguais". Desse modo, o gradiente que, na primeira coluna seria de "humanidade", aqui se revela como um gradiente de "colonialidade" cujos polos seriam estabelecidos pela docilidade e servilismo de uns e pela resistência e combatividade de outros. O trânsito dos "índios" entre estes dois polos seria aferido pelo reconhecimento que eles prestam aos estrangeiros na qualidade de "deuses vindos do céu" ou "inimigos", simplesmente. A essas identificações corresponderiam práticas de dominação correspondentes como as permutas, no primeiro caso, e a guerra (uma forma extrema de troca), no segundo.

Sob este novo prisma, as relações que cada coluna estabelece com as demais na estruturação narrativa do "mito do Descobrimento" apresentam um novo tema central do mito: ele não visa explicar ou contar como um novo mundo e seus habitantes foram descobertos nem sequer descrever sua aparência, costumes e engenhosidades, mas o "mito do Descobrimento" é um mito que nos fala da difícil inclusão do Outro na concepção europeia de humanidade. Trata-se da tentativa de enquadramento de um novo tipo de "gente" no esquema de distribuição de poder existente entre a religião, o comércio e a política, o tripé do colonialismo europeu, fundado numa emergente concepção de riqueza. Sob esta interpretação, o "mito do Descobrimento" deve ser entendido como o "mito do Desenvolvimento", isto é, o mito não é uma explicação do mundo, mas um modelo de ação para sua exploração. Quer dizer, mais do que relatar, o relato enquanto mito ensina como supervalorizar as riquezas pela subvalorização da natureza e pessoas concretas.

Nesses termos e com o intuito de compreender a lei interna ao mito assim explicado, temos que fazer a leitura entre as colunas do "mito do Descobrimento" como estruturante de uma equação de variáveis interdependentes, onde a maior presença de ouro estimula uma maior

4 Em outra passagem do relato, mais precisamente, na quarta viagem de Colombo, de 1502 a 1504, o ouro é elevado ao cúmulo do fetichismo: "Genoveses, venezianos e toda gente que tenha pérolas, pedras preciosas e outras coisas de valor levam tudo até o fim do mundo (note que não se trata mais do 'novo mundo') para trocá-las, converter em ouro: o ouro é excelso; do ouro se faz tesouro, e com ele, quem o tem, faz tudo o que quer neste mundo, a ponto de levar as almas ao Paraíso" (Colombo, 1998, p. 169, parêntesis adicionados).

subalterização dos "índios" como canibais, e a menor presença de ouro estimula uma maior subalternização dos "índios" como serviçais nos discursos e práticas dos conquistadores. Esta fórmula poderia ser expressa da seguinte forma:

↑ouro ↔ índio canibal espanhol = deus para os índios	**:**	**↓ouro ↔ índio serviçal espanhol = proprietário dos índios**

Em ambos os casos, a supervalorização dos espanhóis como "deuses" ou "superiores" está dada como uma constante da equação. Essa fórmula, se correta, parece oferecer uma sustentação lógica (mas nem por isso correta, muito menos justa) para a violência irracional aplicada à Conquista das Índias tal como descrita pelo Frei Bartolomé de Las Casas, cujos relatos passamos a analisar com o objetivo de testar, até certo ponto, a validade desta interpretação.

O avesso da descoberta das "Índias Ocidentais": Las Casas e a denúncia do genocídio

A "Brevíssima Relação de Destruição das Índias", republicada recentemente sob o título "O Paraíso Destruído: A sangrenta história da Conquista da América Espanhola" (2007), constitui um antimito do "Descobrimento". Las Casas se arrogou o título de defensor universal dos "índios" e se dedicou ao registro das violências e atrocidades cometidas, em caráter sistemático no "Novo Mundo", pelos conquistadores europeus, em geral, e pelos espanhóis, em particular. Las Casas defendia uma colonização pacífica e seu projeto se assentava numa representação dos "índios" como gente pacífica e cordial. Sob esta orientação, foi testemunha ocular das conquistas e, desta posição, presenciou a depopulação severa promovida pelos conquistadores na região hoje conhecida como América Central e Caribe. Em seu livro, Las Casas fala da destruição de doze milhões de seres humanos, em um período inferior a quarenta anos, em uma área mais abrangente que o dobro da península ibérica. Como descrever ou explicar, ou melhor, como pensar sobre um evento de tão amplas e trágicas proporções?

O próprio Las Casas, em diversas passagens de sua "Brevíssima Relação[...]", afirma ser impossível descrever em toda a extensão e perversidade, seja em qual língua for, os atos e atitudes dos conquistadores contra os "índios". E, de fato, a interpretação de seu relato como versão do "mito do Descobrimento" é impossível sem considerar sua narrativa como uma crítica à destruição europeia dos "índios" e à hipocrisia teológica e jurídica que se forjava como justificativa para esta destruição. Dito de outro modo, a categoria "índio" não aparece no relato de Las Casas sem seus antônimos: "cristão", "espanhol", etc. Tampouco os "índios" são equiparados a "dóceis cordeiros" sem a contrapartida que descreve os espanhóis como "feras famintas". E os feixes de relações que estas categorias e idealizações comportam constituem algo como uma "ritualização" do "mito do Descobrimento" tal como analisado anteriormente. Isto se torna evidente quando atentamos para as ações dos espanhóis em busca de ouro a partir de suas representações ambivalentes dos "índios", ora como "canibais", ora como "serviçais". E a própria narrativa de Las Casas na "Brevíssima Relação [...]" mimetiza, até certo ponto, o ritmo de saques, pilhagens, traições, torturas, estupros, massacres, escravidão e inimagináveis violências que a equação acima mencionada prescreve.

Entretanto, o seu relato possibilita enxergar, para além da elucidação da interpretação acima, a "moral" que a atuação miticamente orientada dos europeus busca (re)produzir. Notadamente, a destruição física do significante "índio" por intermédio do signo "ouro" culminará na produção de um significado autoevidente, não importando se o significante é "canibal" ou "serviçal": "os índios mereceram a morte porque eram canibais e não tinham mais ouro" ou, conforme sua variação lógica, "os índios mereceram a morte porque somos civilizados e temos mais ouro".

Uma vez entendido que essa formulação lógica e suas variações encerra um beco sem saída para os "índios" diante do "mito do Descobrimento", a crítica de Las Casas, apoiada na consciência moral cristã, prova-se, aos olhos contemporâneos, bastante ingênua. Isto porque sua representação dos "índios" não se mostra alternativa às representações presentes no mito. Em suas palavras:

"Deus criou todas essas gentes infinitas, de todas as espécies, mui simples, sem finura, sem astúcia, sem malícia, mui obedientes e mui fiéis a seus Senhores naturais e aos espanhóis a que servem; mui humildes, mui pacientes, mui pacíficas e amantes da paz, sem contendas, sem perturbações, sem querelas, sem questões, sem ira, sem ódio e de forma alguma desejosos de vingança. São também umas gentes mui delicadas e ternas; sua compleição é pequena e não podem suportar trabalhos; e morrem logo de qualquer doença que seja. De sorte que mesmo os filhos de Príncipes e Senhores, entre nós nutridos com todas as comodidades, cuidados e delícias, não são mais sensíveis que esses, inda que sejam filhos de lavra-

dores. São gente pobre, que possui poucos bens temporais, nem mesmo são soberbos, nem ambiciosos, nem invejosos. Seu trajo é estarem comumente nus e cobertas somente as partes vergonhosas e mesmo quando se cobrem muito não usam mais que um manto de algodão da medida de um antebraço e meio ou de dois antebraços de tela em quadrado. Dormem sobre uma rede trançada; e mesmo os que têm mulher, dormem sobre uma rede presa pelos quatro cantos e que na língua da ilha Espanhola se chama *Hamaças*. Têm o entendimento mui nítido e vivo; são dóceis e capazes de toda boa doutrina. São muito aptos a receber nossa santa Fé Católica e a serem instruídos em bons e virtuosos costumes, tendo para tanto menos empecilhos que qualquer outra gente do mundo. E tanto que começaram a apreciar as cousas da Fé são inflamados e ardentes, por sabê-las entender; e são assim também no exercício dos Sacramentos da Igreja e no serviço divino que verdadeiramente até os religiosos necessitam de singular paciência para suportar. E, para terminar, ouvi dizer a diversos espanhóis que não podiam negar a bondade natural que viam neles. Como essa gente seria feliz se tivesse o conhecimento do verdadeiro Deus!" (2007, p. 26-27).

Como se pode notar, os "índios" de Las Casas são descritos por adjetivos e idéias adequados à descrição de monges e, desnecessário dizer, que a Igreja Católica não permitia a seus "índios" convertidos e iniciados na doutrina e ritos católicos ocupar posições sacerdotais. Entretanto, esta visão idílica dos "índios" cumpria uma função retórica na argumentação de Las Casas, qual seja, dar mais destaque à violência e aos pecados cometidos pelos espanhóis contra inocentes. A principal intenção com a supervalorização da docilidade dos "índios" é tornar mais perceptível a infâmia da Conquista espanhola das Índias, principalmente por esta Conquista se fundamentar, também discursivamente, nas representações dos "índios" como canibais antropófagos e sacrificadores de crianças.

Esta ressalva nos leva a perceber que a versão do "mito do Descobrimento" narrada por Las Casas emprega os mesmos valores e idealizações dos conquistadores a respeito dos "índios", porém, sua preocupação não é descrever os "índios" para os espanhóis de acordo com as ideias que melhor justificariam sua conquista, exploração e destruição, mas devolver aos espanhóis sua própria imagem refletida no terror provocado nas "Índias". Nesse sentido, a "Brevíssima relação [...]" se organiza em vinte capítulos,que vão da Ilha Espanhola ao Novo Reino de Granada pontuando a banalização do mal como técnica de dominação, controle e aquisição de ouro. Os mitemas existentes em torno das ocorrências do termo "índios" aparecem nesta versão do mito a partir dos seguintes temas ou colunas: "Comportamento Político dos Índios"(desta vez, o comportamento político dos *índios* é incluído para nos dar a exata medida do quanto representavam de fato os espanhóis como "deuses" através de suas categorias culturais previamente existentes); "Aparência Física e Temperamento dos Espanhóis"; "Comportamento Político dos Espanhóis". Os mitemas abaixo relacionados foram obtidos a partir do capítulo 1 até o capítulo 20 da "Brevíssima Relação [...]":

Quadro 3. Mitemas indigenistas do "mito do Descobrimento"- versão Las Casas

Comportamento Político dos Índios	Aparência Física e Temperamento dos Espanhóis	Comportamento Político dos Espanhóis
- escondiam suas carnes, outros suas mulheres e seus filhos e outros fugiam para as montanhas	- os espanhóis com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas	- os espanhóis lhes davam bofetadas, socos e bastonadas e se ingeriam em sua vida até deitar a mão sobre os senhores das cidades
- são tão fracos e de tão poucos expedientes que suas guerras não são mais que brinquedos de crianças que jogassem com canas ou instrumentos frágeis	- uma vez, um governador quis fazer uma nova distribuição de índios por seu bel-prazer e porque sua vontade foi tal	- entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem as crianças e os homens velhos, nem as mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e as faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil
- eram muito obedientes e virtuosos e afeiçoados à devoção dos Reis de Castela e sua gente dava um sino cheio de ouro	- os espanhóis eram tomados de raivas diabólicas	- descobrem novas espécies de crueldades e tormentos para fazer com que o ouro fosse descoberto e dado
- receberam os espanhóis com todas as honras	- cantam completamente alegres em meio às carnificinas que promovem contra os índios	- os espanhóis se apoderam do rei e estupram as mulheres para incutir o terror

- na ilha de Cuba, os índios dançaram diante de um cofre de ouro até se fatigarem	- e porque uma jovem não se deixou abusar, o espanhol sacou da espada, cortou-lhe a mão e matou a moça a golpes de punhal, porque não queria ceder a seus apetites	- os espanhóis exigem resgates em ouro dos reis retidos em seu poder
- os índios vinham ao nosso encontro para os receber, com víveres e viandas delicadas e toda espécie de outras demonstrações de carinho	- quando os espanhóis partiram deste reino, um dentre eles disse ao filho de um senhor de um povoado qualquer, que partisse com ele: o menino respondeu que não. O espanhol redarguiu: Vem comigo ou então te cortarei as orelhas. O jovem índio persistiu, declarando que não queria deixar seu país. O espanhol, sacando do punhal, lhe cortou ambas as orelhas. Mas como o jovem continuasse a dizer que não queria ir, o espanhol cortou-lhe também o nariz com os lábios superiores, e tudo isso rindo, sem fazer o menor caso do crime que praticava como se não lhe estivesse aplicando mais do que um beliscão	- "correrias" para prender índios e obrigá-los a pagar sua "liberdade" em troca dos "serviços" recebidos dos espanhóis em sua "cristianização" na Fé Católica
- índios submetidos à escravidão começaram a fugir para as montanhas e outros de desespero se enforcavam	- e após amolar suas espadas, para ver se o fio estava bom, mataram milhares de índios	- os próprios espanhóis se faziam carregar em liteiras e braços ou leitos feitos pelos índios à maneira de redes pois sempre se serviam deles para transportar a bagagem como se faz com os animais
- Montezuma envia aos espanhóis grandes presentes em ouro, dinheiro e vestimentas, indo senhores e várias outras pessoas em festa pelo cami-	- comportavam-se como feras mais desumanas que lobos e leões devoradores	- os espanhóis roubaram todo o trigo dos índios o que causou a morte de mais de vinte ou trinta mil pessoas de fome
- toda cidade se levantou em armas diante da traição dos espanhóis	- possuíam uma cegueira de avareza mais enraivecida	- sempre foi costume em todos os países em que entraram, praticar incontinenti, à sua chegada, alguma cruel e notável matança a fim de que esses pobres e dóceis cordeiros tremessem do medo que lhes inspirava
- o principal Senhor foi receber os espanhóis conduzido numa liteira, com trombetas e tamborins, com festas e danças, acompanhado de numerosos senhores da Vila de Viclatã	- a tirania, a violência e iniquidade dos espanhóis foi aumentando sempre em crueldade, em desumanidade e maldade contra essas ovelhas tão inocentes e tão dóceis...	- queimaram um senhor numa grande fogueira de chamas vivas, dizendo que com isso queriam prestar-lhe uma homenagem
- o rei e senhor da região foi receber os espanhóis na companhia de um número infinito de súditos, que lhe prestaram mil serviços e cortesias		- alguns tiranos levavam consigo índios já subjugados para fazer guerra contra outros e como não os dava de comer, permitia-lhes comer os índios que tomassem
- os índios os receberam como a suas próprias entranhas e filhos e tanto os senhores como os súditos os serviam com grande alegria, trazendo-lhes de comer dia por dia...		- assassinam a muitos índios, enforcando-os e queimando-os vivos, outros lançam aos cães, cortando-lhes as mãos, a cabeça, a língua, estando eles em paz, isto somente para lhes incutir terror, a fim de que os servissem e lhes dessem ouro
		- com suas matanças, os espanhóis tornavam desertas regiões inteiras
		- marcam os índios com ferro e fogo para vendê-los como escravos...

Mais uma vez, a lista não precisa ser completa para se mostrar útil. Mesmo porque o relato de Las Casas, ao mimetizar narrativamente as práticas da Conquista, assume um caráter redundante que imprime a esta versão do mito um ritmo semelhante ao de uma marcha fúnebre. Sua sequência poderia ser simplificada na seguinte estrutura: coluna 1) os "índios" recebem os espanhóis com todas as honrarias; 2) os espanhóis se tornam enraivecidos e cruéis sem razão aparente; 3) os "índios" são massacrados e os sobreviventes escravizados. As condições de vida impostas aos sobreviventes eram tão brutais que impediam qualquer possibilidade de nascimento e crescimento de novas gerações. A engrenagem lógica por detrás desta sequência irracional de eventos não é apreensível sem a versão anteriormente vista do mito. Nesta versão, o efeito desejado é de um imenso contraste entre a "bondade natural" dos "índios" e a "crueldade natural" dos espanhóis com o objetivo de fazer notar aos reis Católicos da Espanha as perdas em súditos, riquezas e fiéis que se deu com estas práticas de Conquista. Entretanto, a versão anterior permite divisar como graus de humanidade atribuídos aos "índios" serviram ao cálculo cruel de aplicação de uma política do terror que se provou altamente rentável do ponto de vista dos indivíduos. Por outro lado, a versão anterior do mito também se mostra incompleta sem a presente versão que contribui para uma "moral da história" narrada pelo mito em sua estruturação interna.

A busca de traços comuns a cada coluna e a busca de conexões significativas entre estas colunas permitem elucidar esta moral:

Coluna 1. Comportamento Político dos Índios: Os "índios" seguem sendo representados em sucessivos mitemas como "dóceis", "simples" e "serviçais". Aqueles que se voltaram contra os conquistadores, o fizeram por "reação" à violência e não por serem "naturalmente ferozes" ou maus. A comparação com o reino animal e doméstico para descrever o seu comportamento também se mantém. Neste caso, os "índios" são "cordeiros" dóceis e inocentes que serão brutalmente massacrados pelas bestas-feras encarnadas nos espanhóis.

Coluna 2. Aparência Física e Temperamento dos Espanhóis: diferente da descrição dos "índios", a aparência e temperamento dos espanhóis não são descritos a partir de traços físicos, mas, sim, de desvios psicológicos como demonstrações súbitas de crueldade, sadismo e comportamentos tidos como irracionais: cantar durante uma matança, rir durante uma execução, decepar e cortar como se estivesse aplicando beliscões. Os espanhóis são assim descritos como uma forma degenerada, miserável, embrutecida de homem.

Coluna 3. Comportamento Político dos Espanhóis: o feixe de relações configurado nesta coluna põe a ênfase na crueldade intencional dos espanhóis contra os "índios", uma vez que estes são percebidos como uma forma inferior de humanidade. Entretanto, essa brutalidade não consiste em meros atos de maldade, mas representa uma técnica para a obtenção de ouro por meio de uma política do terror. Não se nota a presença do poder real ou religioso. Cada conquistador se torna um tirano individual e aplica, à sua maneira, todo o poder soberano do qual é momentânea e circunstancialmente investido pela assimetria das relações interétnicas.

Assim colocados os traços comuns de cada feixe de relações significativas em torno do termo "índio", uma segunda versão da fórmula anteriormente apresentada pode ser construída. Nessa segunda versão, que consiste – por assim dizer – na interpretação estrutural dos "ritos do Descobrimento", temos que as variáveis anteriormente notadas (ouro, canibal, serviçal, espanhol e deuses) são embaralhadas de tal modo que o "ouro" não é mais a pedra de toque de interpretação da "humanidade" indígena, mas, sim, a pedra de toque de transfiguração dos espanhóis em "deuses" ou em "feras", deste modo:

↑ouro ↔ espanhol-deus índios = cordeiros dos espanhóis	**: ↓ouro ↔ espanhol-fera índios = mercadoria dos espanhóis**

Em ambos os casos, a subvalorização dos "índios" como "cordeiros" ou "mercadorias" está dada como uma constante da equação. Essa fórmula se apresenta como a complementação lógica da anterior e não tem a finalidade de servir como uma explicação (muito menos justificação) para a violência irracional da Conquista. Ela apenas sugere que diferentes versões de um mito, inclusive aquelas que se apresentem de forma ritualizada, contribuem para uma compreensão totalizante de sua "lei estrutural" ou moral.

Como dito anteriormente, o "mito do Descobrimento", na versão de Colombo, se mostra como um mito que fala da difícil inclusão dos "índios" na concepção europeia de humanidade. Na versão de Las Casas, por outro lado, o mito fala da negação dos "espanhóis" da concepção cristã de humanidade. Sob esta interpretação, o "mito do Descobrimento" também deveria ser lido como o "mito do autodescobrimento", ou seja, o mito que fala de que modo a supervalorização de riquezas

simbólicas através da subvalorização da natureza e pessoas concretas leva à destruição da alma cristã.

Considerações finais

O presente trabalho constituiu um exercício de análise estrutural preliminar e bastante sucinto de duas versões existentes e bastante difundidas do "mito do Descobrimento". Trata-se de uma primeira aproximação ao tema do indigenismo como uma variação do Orientalismo e que, espero, tenha demonstrado de que formas representações e definições do "índio" servem a diferentes modalidades de poder e dominação. Não se buscou, neste trabalho, conexões empíricas entre o conjunto de ideias e ideais que estes preconceitos coloniais acerca do "índio" e o conjunto de ações e políticas traçadas para os "índios" na atualidade. Porém, é verdadeiro afirmar que discursos indigenistas continuam sendo proferidos a respeito dos "índios" independentemente do que eles pensam de si mesmos. O discurso indigenista, enfim, não se apresenta na qualidade de um discurso sobre o "índio", mas um discurso de exploração do "índio" para governos e governantes.

É suficiente notar, a partir desta conclusão, o risco que correm os "índios" quando são julgados por sua aparência e práticas culturais, tendo em vista as representações e valores não indígenas. Também é suficiente notar, a título de hipótese, a reprodução estereotípica dos mitemas indigenistas do período colonial até o presente. Os feixes de relações acima apresentados e identificados constituem a principal contribuição desse exercício interpretativo, principalmente, num momento quando, no Brasil, os direitos indígenas aos seus territórios são questionados, tendo em vista argumentos que levantam suspeitas sobre sua aparência ou grau de aculturação, sua lealdade à pátria ou sua utilidade ao desenvolvimento regional e nacional. Se a moldura mítica acima esboçada servir de fato, enquanto estrutura inconsciente, às atitudes e reflexões indigenistas atuais, os resultados das políticas indigenistas se mostrarão extremamente previsíveis. Quer dizer, a graduação de humanidade entre "índios" e "nacionais" continuará sendo estabelecida por intermédio de concepções de "riqueza" e "desenvolvimento" com a consequente moral que supõe os primeiros como inferiores e subordinados aos segundos. Considerando o estado atual de debates, discussões e controvérsias acerca dos direitos indígenas a seus territórios e sobre a exploração das riquezas naturais e minerais de seus territórios, podemos dizer, com convicção, que alguma coisa mudou a respeito de como os "índios" devem ser tratados?

Bibliografia

ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida. *Pacificando o branco*: cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

AUSTIN, James. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1975 [1962].

BARTRA, Roger. *Wild Men in the Looking Glass*: the Mythic Origins of European Otherness. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1994.

BARTRA, Roger. *El Salvaje Artificial*. México: Ediciones ERA/UNAM, 1997.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Visão do paraíso*. São Paulo: Publifolha, 2000 [1959].

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da Descoberta da América*: as quatro viagens e o testamento. Tradução Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 1998.

FAVRE, Henri. *El Indigenismo*. México: FCE, 1999 [1996].

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. *O paraíso destruído*. 2. ed. Tradução Heraldo Barbuy. Porto Alegre: L&PM, 2007.

LESTRINGANT, Frank. *O canibal*: grandeza e decadência. Tradução Mary Murray del Priore. Brasília: Editora UnB, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. 5. ed. Tradução Chaim Samuel Katz e Eduardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *O índio brasileiro e a revolução francesa*: As origens brasileiras da teoria da bondade natural. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, [1937].

MOURÃO, Laís. "Os livros sagrados da tradição americana". *Anuário Antropológico*, n.84. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

OBEYESEKERE, Gananath. *The Apotheosis of Captain Cook*: European Mythmaking in the Pacific. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

PAGDEN, Anthony. *Caida del hombre*: el indio americano y los origenes de la etnologia comparativa. Madrid:

Alianza, 1988.

PAGDEN, Anthony. *European Encounters with the New World*: From Renaissance to Romantism. New Haven: Yale University Press, 1993.

POLONI-SIMARD, Jacques. "A América espanhola: uma colonização de Antigo Regime". In: FERRO, Marc (org.) *O livro negro do colonialismo*. Tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

RAMOS, Alcida. *Indigenism*: Ethnic Politics in Brazil. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998.

SAHLINS, Marshall. *Historical Metaphors and Mythical Realities*: Structure in the Early History of the Sandwich Islands Kingdom. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1985 [1981].

SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1978].

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. *Um grande cerco de paz*: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

TEÓFILO DA SILVA, Cristhian. "Sobre a interpretação antropológica: Sahlins, Obeyesekere e a racionalidade havaiana". *Revista de Antropologia*, v. 45, n. 2, jul.-dez. 2002.

TROUILLOT, Michel-Rolph. "Anthropology and the Savage Slot: The Poetics and Politics of Otherness". In: FOX, Richard (Ed.) *Recapturing Anthropology*. Santa Fe: School of American Research Press, 1991.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução Alípio Correio de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 (1978).

WOORTMANN, Klaas. "O selvagem e a história – Primeira Parte: Os Antigos e os Medievais." *Série Antropologia*, n. 227. Brasília: DAN/UnB, 1997, 56 p.

ZEA, Leopoldo. *Discurso desde a marginalização e a barbárie*. Tradução Luiz Gonzalo Acosta Espejo e Maurício Delamaro. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.